

Paz: Quem Não Gosta?

Sempre que ouço clamores quase que unânimes pela paz, me recordo do acordo de Munique em 1938, quando o Chanceler Britânico Chamberlain aceitava a invasão dos Sudetos, território da antiga Tchecoslováquia, pela Alemanha nazista. Em seu ilustre discurso o premiê se perguntava: Por que, afinal, o povo britânico deveria lutar por uma terra tão distante? A resposta não tardaria a vir: porque a Alemanha nazista tinha um projeto de expansão megalomaniaco que provocaria horror e caos por onde passasse. E porque não pela Grã Bretanha?

Recordo-me também das passeatas pela paz que assistimos no Rio de Janeiro, ilustradas pelo filme dirigido por José Padilha, Tropa de Elite. No filme, os usuários de entorpecentes ilegais desfilam de branco pedindo por paz sem se dar conta que é a própria disputa por pontos de distribuição de drogas que leva ao tráfico de armas com conseqüências negativas para a paz urbana.

É preciso confrontar a realidade! Chamberlain sabia de toda atividade bélica da Alemanha nazista. Sabia que um país que acabara de anexar a Áustria, os Sudetos e que trombeteava o terceiro Reich, representava ameaça séria e que quanto mais tardasse a resposta de seus vizinhos, maiores as chances do triunfo Nazista. No entanto, nos fins dos anos 30, a Europa acabava de se reerguer da destruição da 1ª. Guerra Mundial e das mazelas da crise econômica de 1929. Preferível foi então ao Sr. Chamberlain acreditar em realidade virtual e pregar a paz.

O que estamos assistindo hoje em Israel, é a decisão de confrontar a realidade. Israel foi fundada em 1948 por uma resolução das Nações Unidas, numa votação onde o ilustre brasileiro Osvaldo Aranha teve participação fundamental. Logo após a declaração de independência, Israel sofreu ataque por vários flancos de países árabes diversos. Ofensiva que se repetiu em 1967 e em 1973, quando Israel fora atacada durante o dia mais sagrado para o seu povo. Nesse processo de defesa sucessiva, Israel foi ocupando territórios com o intuito de proteger suas cidades principais. Com toda a ocupação Israel chegou ao tamanho do Sergipe! O menor estado brasileiro com 22 mil quilômetros quadrados.

Como a guerra interessa a poucos e a paz a muitos. A consolidada democracia israelense decidiu-se por engajar em política de promoção de paz no Oriente Médio. A política de devolução de terras por paz teve início em 1979, com a devolução da Península de Sinai ao Egito. A paz entre Egito e Israel perdurou e com este logro Israel prosseguiu com a mesma política, que culminou com a desocupação unilateral da Faixa de Gaza em 2005.

No entanto, ao invés de paz, Israel recebeu como prêmio por ter desocupado a Faixa de Gaza: a eleição do grupo terrorista Hamas. A política do Hamas é não reconhecer a existência de Israel como estado soberano, além de atacar continuamente o território israelense. Desde que assumiu, o Hamas já disparou mais de seis mil mísseis contra alvos civis israelenses.

Nenhum país soberano aceitaria que seus civis fossem alvo de mísseis diariamente por três anos, não fora o extremo desejo pela paz. A declarada quebra do cessar fogo pelo governo de Gaza foi a gota d'água para convencer o povo israelense de que a estratégia que funcionou com o Egito em 1979 não funcionará com os palestinos sob a atual administração.

Por isso, Israel decidiu-se por adotar a velha política sugerida pelo economista e matemático ganhador do Prêmio Nobel por sua contribuição à teoria dos jogos, Robert Aumann. Segundo o acadêmico, em face de demandas surreais é preciso um choque de realidade para reverter a barganha. A invasão da Faixa de Gaza por Israel é simplesmente uma sinalização para o povo de Gaza da necessidade de escolha de uma nova liderança que traga de volta o equilíbrio para a região.

**Igor Barenboim é PhD em Economia por Harvard e Subsecretário de
Administração da Prefeitura do Rio de Janeiro**